

John Nash e a EdC

Morreu em maio o prêmio Nobel de Economia John Nash, que inspirou o famoso filme *Uma Mente Brilhante*, estrelado por Russell Crowe. Para além da intrigante história de vida do norte-americano relatada no longa-metragem, Nash deu uma grandíssima contribuição à Teoria dos Jogos – um ramo da matemática aplicada –, influenciando o pensamento e a prática de diversas áreas do saber, da economia à sociologia. Sua maior contribuição foi possivelmente o conceito do “Equilíbrio de Nash”. Em poucas palavras, o equilíbrio se dá quando todos os sujeitos envolvidos em uma situação de tomada de decisão não têm incentivos para fazer escolhas diferentes daquelas que estão fazendo unilateralmente.

Em outras palavras, é a condição em que todos os agentes que interagem em uma dada situação (que pode ser uma negociação, uma estratégia de trabalho) estão “satisfeitos” com a opção que fazem e só serão impelidos a mudar suas escolhas se outros também o fizerem. Como os outros também estão nesse estado de “satisfação”, há um equilíbrio.

Mas o que tudo isso tem a ver com Economia de Comunhão? Muito. O projeto fundado em 1991 por Chiara Lubich lançou um desafio a quem quer que se envolva com ele: abandonar a cultura do ter em vista da promoção da cultura da partilha. Ou seja, por trás de EdC há uma nova visão das interações no mercado, há uma concepção de que é possível a promoção da dignidade e da distribuição de riquezas (materiais e não materiais) através do mercado. Mas nada disso acontece automaticamente ou por meio de decreto.

Acontece somente quando os agentes do mercado (trabalhadores, empresários, clientes) agem em vista disso. Mas o que os moveria nessa direção? Ao considerar a teoria de John

Nash, o incentivo para agir de forma “cooperativa” em vez de agir em benefício próprio somente pode ocorrer caso os jogadores (os agentes do mercado) considerem estar em uma condição melhor caso cooperem com os demais jogadores.

Por exemplo, digamos que dois caçadores saiam juntos para caçar um cervo em um bosque. Cada um dos caçadores deve cobrir uma das duas saídas do bosque, assim o cervo não terá chances de escapar. Sozinhos, eles não seriam capazes de abater o animal, mas juntos teriam sucesso na empreitada. Se um deles desistir de montar guarda na saída do bosque e decidir caçar uma lebre, ele obterá um resultado inferior ao que conseguiria com a caça ao cervo. Seu companheiro, contudo, teria um resultado ainda pior, pois sairia de mãos vazias, já que o cervo escaparia pela saída desguarnecida. Portanto, a cooperação levaria ambos a ter um resultado melhor (o cervo), ou seja, um equilíbrio mais vantajoso. Se o egoísmo imperar também se chega a um equilíbrio, já que cada um caçará a sua lebre sem depender de ajuda externa. No entanto, esse equilíbrio produz um resultado pior.

Daí a relevância do pensamento de John Nash para a transformação da nossa cultura. A contribuição do Nobel de Economia é, na verdade, bem mais extensa e foi capaz de influenciar diversas áreas do conhecimento. Mas essa contribuição também abre a janela para uma nova interpretação das relações, que põe a partilha (não somente do resultado, mas também do trabalho em si) à frente do egoísmo. Mas para o equilíbrio de Nash trazer melhores resultados, é necessário o elemento da confiança. A EdC convida seus entusiastas a serem o caçador que monta guarda na saída do bosque para não deixar o cervo escapar. ■

